

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

**DIVERSIDADE CULTURAL E TERRITORIALIZAÇÕES
INTRA-URBANAS TOMANDO COMO EXEMPLO O CENTRO DE PORTO ALEGRE/RS**
Benhur Pinós Da Costa

Boletim Gaúcho de Geografia, 26: 173-188, jul., 2000.

Versão online disponível em:
<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/39648/26529>

Publicado por
Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - jul., 2000

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

DIVERSIDADE CULTURAL E TERRITORIALIZAÇÕES INTRA-URBANAS TOMANDO COMO EXEMPLO O CENTRO DE PORTO ALEGRE/RS¹

*Benhur Pinós da Costa**

APRESENTAÇÃO

Esse artigo desenvolve a idéia que a vida urbana se fragmenta em agregados e grupos relacionais, estabelecidos, de um lado, conforme representações formais e, de outro, a partir das construções intimistas. Tais agregados sociais acumulam-se e sobrepõem-se nas grandes cidades, principalmente pela diversidade estética e comportamental que permeiam esses sítios. Também expressam identidades singulares e, muitas vezes, culturas divergentes que segregam-se no espaço e no tempo. Por manterem-se presentes e construírem atividades relacionais diferenciadas em partes do espaço, são estabelecidas territorializações² intra-urbanas, efêmeras e sem limites rígidos. Tais construções embarcam a necessidade de compreender o homem urbano e suas relações projetadas no espaço vivido, principalmente em um momento de intensa divulgação e fragmentação cultural.

DIVERSIDADE CULTURAL E FRAGMENTAÇÃO RELACIONAL NA VIDA URBANA

As grandes cidades nos dias atuais constituem-se num campo de investigação altamente complexo. A densidade populacional e o grau de complexidade informacional que permeiam seu sítios promovem o experimento das mais variáveis manifestações sociais. Embora a grande cidade seja o foco da cultura de massa, que avaliamos como instrumento que homogeneiza costumes, valores estéticos e modos de vida por meio de veículos de comunicação em massa como a televisão, ela se apresenta como verdadeira manifestação da heterogeneidade humana em suas relações, sejam econômicas, culturais ou afetivas.

A globalização, como movimento político-econômico atual, justamente tende a promover uma maior singularização dos lugares. Os eventos globais necessitam vantagens comparativas específicas para otimizar seus lucros, a fim de obter uma melhor realização de seus investimentos. Nesse sentido, as características

naturais, socio-culturais, infra-estruturais e técnicas dos lugares tornam-se evidentes e diferenciam-se das características de outros, como forças de atração às táticas espaciais dos investimentos internacionais, que buscam vantagens comparativas.

SANTOS (1997) argumenta que:

“na dinâmica da globalização, as unidades territoriais tornam-se mais heterogêneas e a divisão de trabalho torna-se mais profunda, implicando relações mais intensas entre os elementos mais heterogêneos e mais especializados”.

Em um mundo movimentado pela necessidade de otimização dos lucros e busca frenética de melhores vantagens financeiras, as estratégias de consumo, publicidade e *marketing* tornam-se fundamentais aos jogos e táticas comerciais. HARVEY (1997) alega que os planos de produção não constituem as maiores preocupações das práticas capitalistas. A manipulação de informação, idéias e aspirações tornaram-se mais importantes ao trabalho estratégico. Trabalhar com comportamentos e sistemas simbólicos tornou-se base à promoção do consumo por meio dos veículos da mídia. As táticas visam a explorar o cotidiano dos grupos humanos e a inserir os interesses mercadológicos, manipulando a diversidade de comportamentos, estilos e padrões estéticos. Além disso, podem promover recortes comportamentais e estéticos que irão influenciar o ambiente cultural de outro lugar.

As culturas, ou seja, “a unidade vivida da experiência, que produz determinadas estruturas de sentimentos” (JACKSON *apud* MACDOWELL, 1996, p.170), embarcam em estratégias capitalistas de promoção do consumo e são divulgadas nos mais variáveis e diferentes lugares do mundo e da cidade. Muitas culturas urbanas que estavam imersas na massa populacional e em seus padrões de classe social são despidas de suas camuflagens, encenadas e sugeridas como possíveis padrões de vida e alternativas a estética e ao comportamento. Vivemos, então, um *self service* de divulgação cultural, pois conhecemos, através da mídia, uma diversidade de expressões, sejam elas concebidas como exóticas, de lugares distantes, ou expressas bem perto, em outro bairro, rua, praça, lugar das grandes cidades que vivemos.

Portanto, ao contrário de uma homogeneização, é marcada a diferença que aquece os mecanismos identificatórios em diferentes escalas. Primeiramente, as tradições e os valores culturais de um estado, região ou cidade são enfatizados por um trabalho de auto-afirmação, de valorização das belas expressões culturais do lugar e das riquezas de um povo. Em segundo lugar, e o que nos interessa neste artigo, as culturas urbanas em pequenos agregados ou grupos sociais acessam o *self service* cultural da mídia, misturam com suas expressões locais (de bairro, de rua, do lazer noturno) e promovem culturas singulares em vários lugares do sítio urbano da cidade. A cidade, então, se fragmenta. No espaço urbano demarcam-se territórios e é promovida a diversidade. Dessa forma:

“o processo de globalização não parece produzir uniformidade cultural, ela nos torna, assim, conscientes de novos níveis de diversidade. Se existir uma cultura global, seria melhor concebê-la não como uma cultura, mas um campo na qual se exerçam as diferenças, as lutas de poder e as disputas em torno do prestígio cultural.” (FEATHERSTONE, 1995, p. 30)

Também sabemos que a condição de classe é um elemento primordial na segregação dos indivíduos na cidade. A classe, ainda em nossos tempos, transpõe barreiras às relações e à livre circulação das pessoas na vida urbana. Porém, além da condição da classe social, os indivíduos expressam outras características que remetem às questões de estilos de vida, padrões estéticos, concepções, a relações afetivas, expressões de sexualidade, enfim, a uma variabilidade de crenças, comportamentos e simbologias manifestadas nos grupos urbanos.

Em suas trajetórias quotidianas e na formação de suas personalidades, os indivíduos experimentam diversas formas de relacionamentos grupais e estruturam suas preferências e necessidades relacionais. Porém, antes disso, sabemos que o mundo do trabalho, da escola, da família, da religião, ou seja, o mundo das instituições promovem a necessidade da representação, das formas já assinaladas como boa conduta. Os indivíduos assumem papéis sociais, pré-estabelecidos como condutas normais às diversas situações, enquadrando-se na estrutura das instituições. Assumir papéis sociais significa estar constantemente representando, tendo em vista sempre um cenário que indicará a atuação necessária (GOFFMAN, 1996). Muitas vezes, estes papéis sociais nem sempre exprimem preferências, porque embarcam o ator no movimento das instituições, necessárias a sua sobrevivência na estrutura social. GOFFMAN (1988) alega que os indivíduos mantêm uma identidade social e uma identidade pessoal: a primeira estaria relacionada à manutenção correta dos papéis sociais (previstas nos comportamentos e condutas adequadas, como participante da estrutura social das instituições), a segunda marca subjetivamente as experiências do indivíduo nos diversos grupos que transita e a construção do ser, capacitando-o a manipular representações e a controlar informações. Identidade social é construída quando a pessoa “se põe a ser” (a uma platéia) e a identidade pessoal é a consciência do verdadeiro ser construído por seu campo relacional.

A identidade social identifica o indivíduo no quadro do domínio público, espacializando suas relações na estrutura das instituições que faz parte (seja como profissional, estudante, pai, etc), ou seja, nos cenários de suas representações. A identidade pessoal é instaurada mais subjetivamente, implicando relações afetivas e prazeres (sexo, música, lazer, diversão, etc), espacializando a caminhada do ser no devaneio, no gozo dos prazeres tidos como tais por sua experiência de vida.

Sendo assim, tanto as relações afetivas-subjetivas (dos prazeres, paixões, admirações, da sexualidade, etc), como as relações inseridas nas instituições mais formais (família, empresa, escola, religião, etc), sempre as duas tendências interagindo na construção da personalidade do indivíduo, irão promover a atração ou a

repulsão das pessoas em sociedade, segregando e fragmentando a cidade em grupos agregados e categorias sociais. Assim:

“o lugar e a natureza do trabalho, o rendimento, as características sociais e étnicas, os costumes, hábitos, gostos, preferências e preconceitos constam-se entre os fatores mais significativos de acordo com os quais se processa a seleção e a distribuição da população urbana pelas diferentes zonas da cidade. Os diferentes elementos da população que habitam uma mesma localidade compacta tendem, desde modo, a afastar-se na medida em que suas necessidades e modos de vida se revelam incompatíveis ou antagônicos entre si. De mesmo modo, pessoas de estatuto ou necessidades homogêneas dirigem-se para mesma área. As diferentes zonas da cidade adquirem assim funções especiais” (WIRTH, 1997, p. 55).

Nesta fase de frenética manipulação de sistemas simbólicos, padrões estéticos e culturais, que caracteriza o capitalismo da globalização, o indivíduo torna-se envolto por uma *miscelânea* cultural. As imagens da mídia e a estética no cotidiano (comportamentos, moda, imagens, culinária, cinema, artes plásticas, etc) expressam elementos culturais tão diferentes, em tão curtos espaço e tempo, que o indivíduo não estabelece um trabalho identificatório duradouro. Então,

“as culturas se acumulam umas sobre as outras, se empilham, sem princípios óbvios de organização. Existe cultura demais com que se lidar e para organizar através de sistemas coerentes de crenças, meios de orientação e conhecimento prático” (FEATHERSTONE, 1995, p. 21).

Nesse sentido, os indivíduos estão constantantemente experimentando novas sensações, novas relações, novos padrões de convivência em grupo, novas formas de expressão, tornando as identificações pessoais muito fluídas. Os grupos também demonstram-se muito fluídos, a manutenção dos sistemas simbólicos e padrões estéticos se reconstróem constantemente, estimulados pelas imagens, por *flashes* estéticos da mídia. Neste contexto, a projeção espacial destas relações também tornam-se fluídas, sobrepostas, sem limites fixos e de caráter efêmero.

“Vivemos num ‘hiper-espaço’, que transcende a capacidade dos indivíduos para se situarem, percepçionarem e organizarem os seus campos de proximidade e para mapearem cognitivamente a sua posição no nundo exterior. O espaço surge, assim, como elemento caótico das nossas representações e, ipso facto, é ele próprio irrepresentável. É no espaço e por meio dele que se procede as justaposições desordenadas e se forjam fronteiras paradoxais que tornam vulnerável a nossa identidade” (JAMESON apud FORTUNA, 1997, p. 130).

Tendo em vista esta intensa acumulação de culturas na cidade, caracterizando-se como uma passarela de expressões, onde a cada poucos metros podemos

perceber elementos culturais característicos das mais diversas partes do mundo, cujos mais diferentes estilos estéticos desfilam sem nenhum problema, e onde a fragmentação se expressa principalmente pela micro demarcação do espaço de convivência e manutenção de comportamentos, a cidade se apresenta libertadora e a diferença banal. FORTUNA (1997, p. 10) indica como característica do urbano a “atitude *blasé*, um traço psíquico que remete a banalização das diferenças”. Na verdade, o estranhamento do outro torna-se anônimo, não divulgado, somente tornado indiferente, sem importância. Segundo esse autor:

“isso torna o cotidiano mais permissivo as escolhas e opções individuais, para tanto contribui não apenas a excitação dos sentidos e emoções, mas, sobretudo, a teatralização do cotidiano, desenroladas, uma e outra, no cenário magnânimo da cidade” (FORTUNA. 1997, p. 130).

Devido à atitude *blasé*, a cidade torna-se libertadora às várias expressões culturais, porém remete a um certo sentimento de cinismo, tendo em vista que a expressão é aceita, mas, muitas vezes, nunca compartilhada. Este sentimento contribui à fragmentação contratual informal da cidade. Os grupos tendem a expressarem-se em frações do espaço urbano, propondo um domínio sobre uma parcela do espaço e propondo uma territorialização.

Os passantes aglomeram-se nas ruas das cidades e elaboram uma mistura de estilos, mas a atração para o grupo identificatório será basicamente territorial. Embora essas territorializações sejam efêmeras, fluídas, sem limites rígidos e fixos e sobrepostas, elas tomam forma constantemente no espaço urbano. Em tempos e localidades fluidos elas são suporte das expressões culturais.

TERRITORIALIZAÇÕES NO CENTRO DA CIDADE DE PORTO ALEGRE

As pessoas que vivem nas cidades, principalmente nas grandes cidades, tendem a estabelecer grupos relacionais animados por interesses individuais comuns. Durante as caminhadas quotidianas, as pessoas registram inúmeros tipos de necessidades e interesses mantenedores de atividades relacionais, seja de consumo, financeiro, afetivo, entre outros. As *caminhadas* pela diversidade de trajetos e as *paradas* em vários pontos destes, são expressões espaciais. As “paradas” significam que o indivíduo se instalou naquela parte do espaço, constituído por uma materialidade, arquitetônicos, para satisfazer alguma necessidade de convívio. Nessa parada, ele irá se relacionar com um número determinado de pessoas, a partir de um fundamento. Esse conjunto de pessoas estabelecerá um domínio sobre parcela do espaço. Outras, que não possuem tal motivo para estarem ali, não estarão, estarão lá, em outro lugar. Nesse sentido, temos a noção de território, que determina que no espaço um grupo, uma categoria ou um agregado social está presente, estabelecendo um domínio por suas características relacionais.

Estarmos numa loja, tendo a finalidade de comprar um certo artigo, contribuímos a uma territorialização, porque fazemos parte de um agregado social caracteristicamente singular a uma porção espacial, animado por indivíduos que compartilham interesses comuns (por exemplo, o de comprar determinados artigos). Então, as pessoas em suas trajetórias urbanas, podem *montar* inúmeros territórios muito próximos, lado a lado, visíveis em uma escala muito grande. Muitas vezes, uma mesma parcela do espaço pode ser ocupada por diferentes agregados em diferentes horas do dia, podendo adquirir territorialidades diferentes no decorrer das 24 horas. Para MESQUITA (1995, p. 83), a territorialidade é entendida como:

“projeção de nossa identidade sobre o território. Assim me sinto diante do território”.

De certa forma, o agregado territorializado identificará seus participantes a partir de sua conjuntura, como, lembrando Goffman, um ator envolvido no cenário e na situação da peça.

Apesar desses argumentos, a noção de território sempre refletiu constituições culturais rígidas e construções identificatórias bem demarcadas no espaço, a exemplo da expressão *território nacional*:

“a ocupação do território é vista como algo gerador de raízes e identidade: um grupo não pode mais ser compreendido sem o seu território, no sentido de que a identidade socio-cultural das pessoas estaria inarredavelmente ligada aos atributos do espaço concreto (natureza, patrimônio arquitetônico, paisagem)” (SOUZA, 1995, p. 84).

No entanto, propomos neste artigo, que a noção de território não se limita a uma noção tão rígida. Nas grandes cidades, percebemos que grupos pequenos, ocupando certas porções do espaço, constroem singularidades territoriais, onde são expressos sistemas estéticos, comportamentais e simbólicos específicos, mas não tão enraizados territorialmente. Essas expressões, como argumentamos antes, são fluídas, efêmeras e não cessam em limites rígidos. Além disso, a variedade de papéis que o indivíduo representa e a mobilidade de suas identificações pessoais, torna complexa o mapeamento de suas relações em grupos. Mesmo assim, as relações espacializadas segregam e fragmentam o espaço urbano, principalmente as de ordem afetiva.

Segundo SENNET (1998, p. 57) os indivíduos vivem “Geografias Públicas”, que, remetendo a Goffman, indicam o sistema de cenários onde o ator exerce suas representações. Essas Geografias indicam as trajetórias dos homens (e das mulheres) públicos(as) exercendo seus papéis (no trabalho, nos negócios, na família, etc). Pensemos, então, sobre as Geografias Privadas, essas que representam as trajetórias dos homens (e das mulheres) em seus movimentos intimistas, baseados em sentimentos muito subjetivos, muito próprios ao ser construído, em fuga ao

mundo das instituições, do trabalho, do consumo e etc, à procura do amor, do sexo, da amizade, dos prazeres.

As Geografias Públicas são formadas por territórios mais duradouros, mais demarcados, pois constituem a empresa, os lugares de encontros entre famílias, as instituições públicas e privadas. Por outro lado, as geografias privadas são muito mais efêmeras, difusas, mal demarcadas, pois advêm do intimismo, de gostos e inspirações próprias do ser a procura de prazeres.

As duas geografias constróem territorialidades, mas podemos perceber algumas diferenças. As geografias públicas estão mais demarcadas, porém os grupos que a expressam estão mais inseridos na cultura do trabalho, da vida formal, regida pelas instituições. São geografias das representações, inseridas na normalidade, conforme as regras preestabelecidas pela sociedade maior, que espera a homogeneização de comportamentos e padrões. As geografias privadas expressam melhor a diferença, estão embutidas em sentimentos subjetivos, no culto aos prazeres, na fuga à padronização institucional. As geografias privadas embarcam as sensações típicas nas relações dos grupos afetivos, dos experimentos estéticos e comportamentais na revelação do ator, na emergência do ser. Essas são efêmeras, pouco demarcadas e tantas quanto são os impulsos estéticos, comportamentais e simbólicos que o ser absorve no mundo pós-moderno. Elas dificultam o mapeamento, mas são muito mais capazes de expressar a diferença das formas relacionais em grupos urbanos, estabelecendo o domínio espacial e fragmentando a vida urbana.

Os indivíduos participam de campos relacionais. Estes campos são próprios do ser, portanto únicos a cada ser. No cruzamento de campos relacionais que os territórios se constróem. Os territórios são pontos, estações onde as relações se espacializam, tecendo a rede relacional do indivíduo. Assim, nos territórios, os seres mantêm atividades relacionais que marcam o tempo, o espaço, o grupo, as formulações psíquicas e os interesses de convívio. Essas atividades singularizam os territórios e o grupo relacional estabelece o domínio territorial. Portanto,

“a retomada de atenção sobre o território e a territorialidade vivida tem se referido sobretudo aos pequenos territórios, os das comunidades e das coletividades locais, os territórios do cotidiano vivido, dos Pays, território centrado, de fraca extensão, que constitui primeiro uma realidade relacional para a coletividade que o habita...” (F. AURIAC, R. FERRAS apud MESQUITA).

O território,

“a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: a diferença entre ‘nós’ (o grupo, os membros da coletividade ou comunidade, os insiders) e os ‘outros’ (os de fora, os estranhos, os outsiders)” (SOUZA, p. 86, 1995).

Estamos usando, então, o termo território para referir-se a estas realidades relacionais que encontramos diariamente, e noturnamente, no sítio urbano da cidade. No entanto, como já argumentamos, estes territórios são muito efêmeros e têm limites variáveis. Os termos territorialização, como um processo de construção territorial, ou territorialismo, como uma presença tênue do grupo, que mantém a intenção de ocupar parte do espaço e estabelecer uma fraca presença nele, demonstram-se mais adequados a fim de escapar das noções de rigidez, propriedade, demarcação e formalidade, remetendo, então, às idéias de fluidez, presença, informalidade, movimento, instabilidade.

As territorializações expressam as diferenças sociais. A presença do grupo, em parcela do espaço, constitui a territorialização e diferencia o “nós” dos “outros”. Também, noções de limite emergem. Cada grupo, cada agregado, cada categoria social se diferencia de outro. Essa diferença é basicamente espacial, pela fragmentação difusa do espaço em territorializações. Isto é observado, no centro de Porto Alegre, mais nitidamente no convívio noturno e mais nebulosamente durante as horas do dia, onde o aglomerado intenso camufla as diferenças. Erguem-se, então, as “fronteiras do/no cotidiano”. Elas são extremamente permeáveis em nossas trajetórias, mas dificultam nossas *paradas*, porque estabelecem que o uso ou a participação do território dependerá do nosso interesse em compartilhar e expressar as características do grupo ali dominante.

Podemos, então, fazer algumas constatações empíricas no centro da cidade de Porto Alegre sobre este assunto. O recorte que segue formado pelas ruas Dr. Flores, Andradadas, Salgado Filho, Praça Dom Feliciano, Alberto Bins, Pinto Bandeira, Senhor dos Passos e Voluntários da Pátria.

O centro urbano é um espaço aquecido pelo grande movimento humano que se aglomera em sua materialidade. É um espaço tipicamente comercial, alimentado pela convergência do transporte coletivo que liga os diversos bairros e toda a área metropolitana da capital. Além disso, perto deste centro, localiza-se a rodoviária que liga a cidade a outras do interior e do resto do país.

Ali localizam-se os principais órgãos do poder público. Esse espaço possui uma ótima infra-estrutura que atrai grandes investimentos imobiliários, pelo alto preço da terra, e a constituição de seus arquitetônicos torna possível a instalação de sedes de empresas e de um equipamento comercial vigoroso.

Pela convergência de transporte coletivo, sendo ponto primordial ao deslocamento inter-bairros, e localização mais intensa de órgãos públicos e seus serviços, a aglomeração populacional é intensa no centro. Neste setor da cidade, proliferam estabelecimentos comerciais varejistas e de serviços das mais diferentes espécies: comércio de vestuário, eletrônicos, serviços de saúde, imobiliárias, advocacia, escolas, entre muitos outros, que também funcionam como atrativo à circulação humana nesta área. Estes estabelecimentos, porém, não estão dispersos ou tendo uma distribuição confusa. Percebemos que existem partes que se caracterizam pela ocorrência de determinados tipos de comércio ou serviços, tendo uma espécie de

função. Consumidores em movimento tendem, então, a mentalizar estes espaços, porque neles poderão encontrar uma variedade de estabelecimentos que poderão suprir seus desejos específicos de consumo.

Paul Singer explica este fenômeno dizendo que:

“estabelecimentos precisam se localizar junto aos competidores, em zonas onde a clientela está habituada a fazer suas compras (...). Certas empresas têm considerável vantagens em se aglomerar, pois isso facilita a comunicação entre elas” (SINGER, p. 24, 1982).

Se estabelecimentos comerciais ou de serviços, que mantêm características de funcionamento comuns, se aglomeram, esse fragmento do espaço exerce uma função dentro do sistema comercial do centro da cidade. Nesse sentido, temos uma população presente nessa parte do espaço, envolvida com a funcionalidade estabelecida ali: são os proprietários, as pessoas que trabalham e os consumidores. Estão presentes, em determinado momento e em determinado fragmento funcional do espaço, com o objetivo de trabalhar (com) ou consumir as mercadorias ou os serviços que os estabelecimentos oferecem. Outras pessoas, que não têm interesse ou necessidade de consumir o que é oferecido ali, estarão noutro lugar. Temos, então, um certo predomínio de interesses ou necessidades específicos em certas parcelas do espaço, intencionando e processando a constituição dos territórios. As territorialidades, dessa forma, se constroem pelas características funcionais dessas parcelas, identificadas na medida que sentimos necessidades específicas de consumo.

Durante o dia observamos que a rua Dr. Flores se caracteriza pela aglomeração de estabelecimentos de comércio varejista de eletrodomésticos, principalmente entre as transversais Andradas e Alberto Bins. Na Rua dos Andradas, nas proximidades da Dr. Flores, é predominante o comércio de calçados e vestuário. A Praça Dom Feliciano é marcada por uma territorialização da saúde, formada por vários prestadores de serviços na área da saúde, inclusive comércio de artigos oftalmológicos. A Pinto Bandeira e a Senhor dos Passos se caracterizam pelo comércio de lãs, linhas e malhas. A Alberto Bins, equipamentos elétricos, e a Voluntários da Pátria, pelo comércio de vestuário destinado à população de baixa renda que chega ao centro da zona norte de Porto Alegre e região metropolitana através dos terminais de transporte localizados em suas proximidades. A Salgado Filho é ponto nodal do transporte coletivo que se dissipa para as zonas leste e sul de Porto Alegre (ver FIGURA 1).

À medida que uma função comercial, materializada (pelas características específicas de seus estabelecimentos) em uma territorialização, cessa, outra toma forma. Na figura 1, estão representados os limites dessas territorializações, no entanto eles somente propõem áreas de abrangência, pois, como argumentamos, são territorializações, assim seus limites não são demarcados e aproximam-se de áreas de transição entre uma funcionalidade e outra. Por isso que as pessoas, em suas trajetórias pelo

centro da cidade, nem percebem esses limites, temos fronteiras totalmente permeáveis. Em suas trajetórias, perpassam facilmente essas territorializações, mas, utilizando novamente do termo, as *paradas* identificam que, mentalmente, percebemos que naquele local podemos suprir alguma necessidade de consumo. Neste sentido que construímos uma territorialidade e estabelecemos seus limites.

Durante a noite, a movimentação humana, no centro da cidade, cessa quase por completo. Os estabelecimentos comerciais fecham e os consumidores e trabalhadores retornam às áreas residenciais. Somente os terminais de ônibus mantêm-se relativamente ativos. Também alguns bares próximos a estes terminais ficam abertos. No entanto, toda a “energia” do espaço, caracterizada pela intensa movimentação comercial e de serviços, se arrefece durante a noite, fora do horário estabelecido para o funcionamento comercial. Os prédios, altamente habitados durante o dia, tornam-se verdadeiros “gigantes adormecidos”. As ruas tornam-se obscuras, frias e desertas. O centro, à noite, dorme e seu movimento quase que pára. Quase! Na verdade, existe ainda uma movimentação noturna, mais tênue, camuflada na escuridão da noite, num movimento a que muitos fecham os olhos, onde novos atores atuam, segregados e segregando-se neste espaço que muitos procuram evitar nessas horas.

Estes outros atores noturnos, convivem diferentemente daqueles atores que dominam o espaço central durante o dia. Naquelas horas, vimos que se construíram territorializações econômicas, devido à formação de agregados que uniam pessoas com interesses comuns de consumo ou de trabalho. Nas horas noturnas, notamos que formam-se agregados principalmente de convívio amigável ou de busca sexual, em estabelecimentos como bares e boates. Nesse caso, o principal foco de movimentação noturna é a rua Salgado Filho, nas imediações da Praça Campos Sales e rua Dr. Flores. Nessa área, bares e “boates” proporcionam diversão noturna para pessoas provenientes da periferia de Porto Alegre, que desembarcam, em maioria, no terminal de ônibus da Salgado Filho (ver FIGURA 2).

Essas “boates” caracterizam-se pela frequência de moradores da periferia pobre de Porto Alegre, grande parcela de negros. Nesses ambientes é estabelecida uma forma de cultura, movimentada pela música *dance* e *rap*, por tipos de vestimentas originadas da cultura *rap* americana, gíria e códigos de convivência particulares. Tal grupo predomina nesta parte do centro e estabelecem relações de aprendizagem e aperfeiçoamento das suas características. Regras de participação são construídas e quem não mantiver o interesse de cultuá-las, não participará desse grupo. São estabelecidos significados a essa parte do espaço, ocorrendo a ocupação e o domínio pela presença de um agregado cultural, emergindo uma territorialização, vinculada a essa cultura urbana. É a partir da territorialização que o grupo, de baixa renda e residentes sobretudo na periferia, constrói e aperfeiçoa as identidades dos *funkeiros* ou *rapeiros*, através de seus signos, posturas, estilos e comportamentos. Nesse momento podemos lembrar uma citação feita por Bachelard do livro *L'état d'ébauche* que diz:

“Sou o espaço que estou” (BACHELARD, p. 146, 1996).

Essa frase remete à noção do espaço que embarca uma expressão cultural, essa constrói e transforma o território, assim como o território constrói e transforma os indivíduos participantes dessa expressão.

É evidente, no centro da cidade, durante a noite, outro tipo de territorialização, vinculada ao mercado do sexo: a prostituição. Essa possui algumas variedades. Percebemos que se constroem territórios de prostituição masculina e feminina (ver FIGURA 2) e que os territórios de prostituição feminina estão separados de acordo com a aparência das mulheres que se prostituem.

A territorialização da prostituição masculina, nesta área que estudamos, se produz principalmente na Praça Dom Feliciano, podendo se estender na Andradas até as proximidades do prédio da loja C&A. Naquela praça, rapazes se agrupam e se oferecem às pessoas que passam em seus carros, principalmente motorizados por homens, sendo a clientela principal. As territorializações da prostituição feminina se localizam na rua Voluntários da Pátria, na Alberto Bins, esquina com a Pinto Bandeira, e na General Vitorino, esquina com a Dr. Flores. Percebemos que o padrão estético das mulheres desses territórios se diferenciam. Na rua Voluntários da Pátria, o padrão diminui, as mulheres são mais velhas e mais obesas. Na Alberto Bins, parecem mais bonitas e mais discretas, além de tentarem se esconder nesta área que é mais escura. Já na General Vitorino estão bem visíveis e suas vestimentas são extravagantes, como as da Voluntários da Pátria, porém formando um grupo de mulheres mais bonitas com seus corpos esbeltos.

A prostituição é uma atividade com fins lucrativos. A construção dessas territorialidades estão vinculadas ao mercado e ao consumo, porque se estabelece um mercado do sexo, com seus trabalhadores, prostitutos e prostitutas, seus empresários, se houver “cafetões”, e consumidores. Nesses grupos de prostitutos e prostitutas, são estabelecidos também padrões de convivência em grupo, que constituirão uma relação singular no espaço. Assim, a intencionalidade territorial ganha força pela funcionalidade econômica do sexo e pelas relações intra-grupo que se estabelecem, que também são culturais. Além disso, prostitutos (as) estabelecem domínios espaciais muito fortes. As territorializações estão mais demarcadas (mas ainda efêmeras e flutuantes) e são erguidas fronteiras fortes de convivência, podendo ocorrer até choques entre dois grupos pela disputa de território e clientela. Como argumenta SOUZA (1995, p. 87):

“os territórios da prostituição feminina ou masculina (prostitutas, travestis, michês), onde os ‘outros’ tanto podem estar no mundo exterior em geral (de onde vêm os clientes em potencial) quanto, em muitos casos, em um grupo concorrente (prostitutas versus travestis), com os quais podem entrar em conflito”.

Os agregados homoeróticos (usamos a noção de homoerotismo para marcar no texto a pluralidade de expressões sexuais possíveis a indivíduos *same sex oriented*, ver COSTA, 1992) também estão presentes no centro durante a noite. As territorializações homoeróticas se constroem na esquina da Andradas com a Dr. Flores, na Pinto Bandeira (devido a boate *gay* Enigma), na Praça da Alfândega e, em alguns momentos, junto com os prostitutos masculinos (*michês*) na Praça Dom Feliciano (ver FIGURA 2). Percebemos, também, uma segregação de tipos nessas territorializações. O ambiente do Enigma funciona somente aos fins-de-semana, assim a rua Pinto Bandeira fica intensamente freqüentada por *gays*, que se aglomeram neste pequeno território que é o Enigma. Nesse ambiente, expressam-se como cultura vinculada a orientação sexual; usamos a palavra *gay* justamente para marcar uma cultura cuja base é o homoerotismo (ver COSTA, 1992). A característica pontual do Enigma, remete a noção de território bem definido, pelos limites reais do prédio e a presença de *gays*. A esquina da Dr. Flores com a Andradas, também marca uma territorialização de encontros homoeróticos, em todos os dias da semana. Podemos encontrar, nessa territorialização, desde *gays* andróginos (no sentido de manterem comportamentos mais afeminados, esteticamente extravagante, buscando um estilo discrepante ao estabelecido normalmente) a pessoas com tendências homoeróticas, geralmente que estão na rua paquerando ou dentro de seus carros a espera dos *michês*.

No final da rua Alberto Bins, dois grupos dividem o espaço muito proximalmente. Na esquina da Dr. Flores com Otávio Rocha, observamos outro grupo de prostitutas, que se parecem muito com as que freqüentam a Voluntários da Pátria. Do outro lado da rua, na esquina da Alberto Bins com a Dr. Flores, os mendigos, que circulam pelo centro, se agrupam para dormir, ocupando esta esquina até a praça (ver FIGURA 2). Vemos que dois territórios se constroem, lado a lado, nesse pequeno fragmento do centro da cidade, durante a noite. Eles se caracterizam pela difícil transposição de seus limites. Ao mesmo tempo que o grupo encontra-se isolado nesse fragmento espacial, pois ninguém atreve-se a conviver, somente quem participa do grupo, ele é bem visível, banalizado pelos passantes. É dessa forma que a cidade é libertadora, mas segregadora.

Concluimos que nessa área central se constroem territórios silenciosos durante a noite. Silenciosos no sentido da segregação que sofrem, por serem mendigos, prostitutos e prostitutas, *gays* e indivíduos da classe baixa da cidade. Geralmente pessoas das classes média e alta, vêem com maus olhos estes grupos e argumentam que o centro, à noite, é freqüentado por delinquentes, sendo perigoso e impróprio à circulação.

À noite, os bairros são aquecidos pela movimentação social, por serem residenciais. O centro da cidade perde a movimentação intensa, observada no horário comercial, tornando-se uma área obscura e vazia. Essas características se transformam em motivos para a ocupação destes grupos segregados, ao passo que torna-os separados das áreas tipicamente residenciais da cidade, ocupada pela classe média

e alta. A facilidade de circulação, caminho obrigatório para quem chega da cidade ou de uma zona da cidade com destino a outra (zona norte para zona sul, ou vice-versa), é condição importante aos (às) profissionais do sexo. Para o encontro das pessoas que moram na periferia, a infra-estrutura boa e “abandonada” do centro, permite um ambiente noturno melhor para se reunirem, uma vez que a periferia é precária em estabelecimentos de diversão noturnos que se aproximam daqueles onde se reúnem jovens de classe média (danceterias ou “boates”, lugares fechados que oferecem bebidas, música, dança, relações de amizade, “paquera”, namoro, etc). O Enigma é de fácil acesso aos gays provenientes de qualquer bairro de Porto Alegre, da área metropolitana e do interior do estado. A reunião destes gays *puxa* a reunião espacial de *michês* e de pessoas inclinadas homoeroticamente para suas proximidades.

Assim sendo, o centro é ocupado noturnamente por grupos depreciados por grande parcela da sociedade. Grupos de pessoas marcadas por um “estigma” (GOFMAN, 1988), ou seja, valores que depreciam o indivíduo, causando descréditos, principalmente entre outros da classe média. Sejam gays, moradores pobres da periferia, *funkeiros*, prostitutas(as), o centro se caracteriza pelo ambiente ideal a estes agregados, por ser lugar pouco freqüentado pela família de classe média, longe desses bairros residenciais. Assim, torna-se perfeito à freqüência e às atividades relacionais afetivas destes “desviantes”, onde podem expressar livremente suas vontades, valores e características.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse ensaio demonstrou que agregados humanos que se constroem no cotidiano das grandes cidades, podem ser objetos de investigações interessantes às ciências sociais, como a Geografia. Interessantes pela variedade e singularidade de suas expressões e, principalmente, pela importância aos estudos que permeiam o dia-a-dia da urbanidade, necessários à compreensão da vida social do homem urbano pós-moderno, em seus movimentos, comportamentos, construções, concepções, afetividades, praticidades, enfim, em seu processo de construção-transformação do mundo vivido. O trabalho geográfico torna-se necessário ao estudo organizacional e funcional destas agregações na cidade, a fim de tecer a rede relacional da sociedade urbana. Além disso, aprofunda investigações que remetem à relação do homem com o espaço, tornando necessário à análise geográfica, o manuseio de argumentações fenomenológicas, psicológicas e antropológicas. É importante, então, a busca de uma geografia que saiba manusear aspectos do homem como ser subjetivo, dotado de uma carga afetiva que permeia suas relações sociais, concepções e percepções espaciais. Neste sentido, o espaço, assim como suas análises, deve ser compreendido, antes de tudo, a partir das construções subjetivas dos indivíduos inseridos numa “aura” cultural, que guiará as concepções existenciais e as noções de “ser”, “estar”, “se por a ser”, “querer se transformar”, “ter”, “poder”, enfim as constru-

ções do “eu” e as relações com o “nós” e os “outros” (tornando importante à compreensão das territorializações urbanas).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANTES, A. A guerra dos lugares: Fronteiras simbólicas e liminaridade no espaço urbano de São Paulo. In FORTUNA, C. (org.) *“Cidade, cultura e globalização”*. São Paulo: Celta Editora, 1992.
- BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo, Martins Fontes:1996.
- CARA, R. B. Território do Cotidiano (pontos de partida para a reflexão). In: MESQUITA, Z; BRANDÃO, C. R. *Territórios do cotidiano*. Porto Alegre. Ed. da Universidade (UFRGS e EDUNISC), 1995.
- COSTA, J. F. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro, Relume-Dumara: 1992.
- FEATHERSTONE, M. *O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade*. SESC/Studio. São Paulo: Nobel, 1995.
- FORTUNA, C. Introdução: Sociologia, Cultura Urbana e Globalização. In: FORTUNA, C. (org.) *Cidade, cultura e globalização*. São Paulo: Celta Editora, 1992.
- FORTUNA, C. As cidades e as identidades: narrativas, patrimônios e memórias. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 33, ano 12, fevereiro de 1997.
- GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, Editora Guanabara: 1988.
- GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.
- GUATTARI, F. *As três ecologias*. São Paulo: Papirus Editora, 1995.
- HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.
- HEIDRICH, A. L. Região e regionalismo: Observações acerca dos vínculos entre sociedade e território em escala regional. *Boletim Gaúcho de Geografia* nº 25/1999, AGB-PA, p. 63-75, Porto Alegre.
- MACDOWELL, L. A transformação da Geografia Cultural. In GREGORY, D., MARTIN, R. E SMITH, G. *Geografia Humana: sociedade, espaço e ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1996.
- MESQUITA, Z. Do Território à Consciência Territorial. In MESQUITA, Z; BRANDÃO, C. R. *Territórios do cotidiano*. Ed. da Universidade, Porto Alegre:UFRGS e EDUNISC, 1995.
- O’CONNOR, J. & WYNNE. Das margens para o outro: produção e consumo de cultura em Manchester. In: FORTUNA, C. (org.) *Cidade, cultura e globalização*. São Paulo: Celta Editora, 1992.
- SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo; razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SINGER, Paul. O uso do solo urbano na economia capitalista. In: MARICATO, E. *A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial*. São Paulo: Alfa Ômega, 1982.

SENNET, R. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOUZA, M. J. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. "*Geografia: conceitos e temas*". Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil S. A., 1995.

WIRTH, L. Urbanismo como modo de vida. In: FORTUNA, C. (org.) *Cidade, cultura e globalização*. São Paulo: Celta Editora, 1992.

FIGURA 1 – Territorializações no centro de Porto Alegre durante o dia

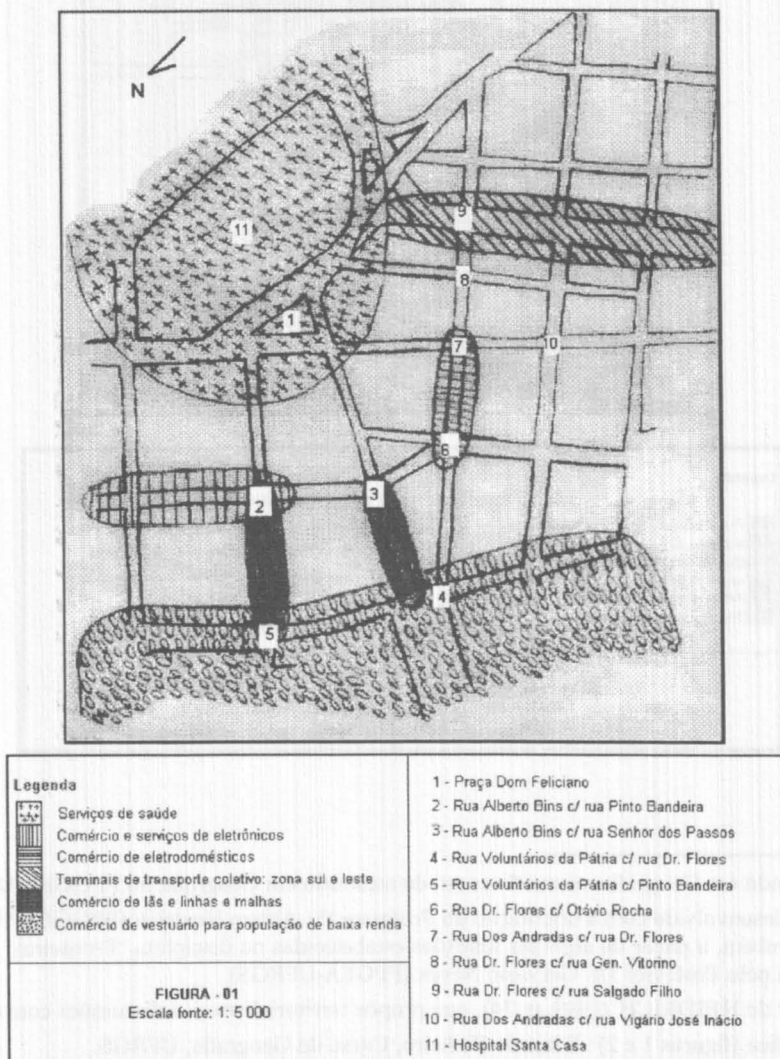
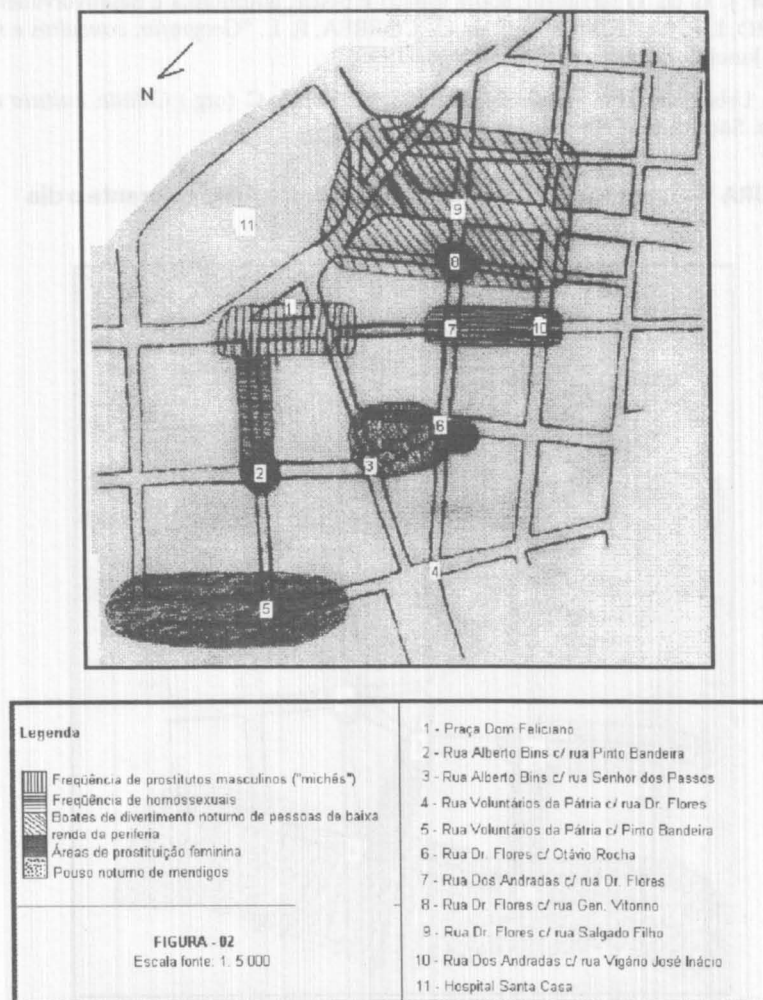


FIGURA 2 – Territorializações no centro de Porto Alegre durante a noite



*Licenciado em Geografia, aluno do curso de mestrado em Geografia no PPGGEA-UFRGS.

¹Artigo desenvolvido com a orientação do Professor Dr. Álvaro Heidrich (PPGGEA-UFRGS) e, também, a partir de algumas reflexões estabelecidas na disciplina "Fronteiras", ministrada pelo Professor Dr. Gervásio Neves (PPGEA-UFRGS).

²A partir de HEIDRICH (1999, p. 74), que propõe territorialismos, e discussões com o autor. Arte gráfica (figuras 1 e 2): Eduardo Pinheiro, Curso de Geografia, UFRGS.